

Meta de inflação em xeque

Armínio e Malan admitem que é preciso ajustar sistema, mas com cautela

RIO E BRASÍLIA – A meta de inflação está em xeque. Implantado no país em 1999, logo após a desvalorização cambial, o sistema virou camisa-de-força para o governo, que não pode descumprir a apertada meta de 3,5% projetada para este ano – com dois pontos percentuais de margem – sem perder a credibilidade num momento delicado. Ontem, pela primeira vez, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, defendeu alguma flexibilidade no

sistema, embora com cautela "para que não se caia em tentação".

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, falou a mesma língua. Também considerou necessário efetuar algumas mudanças, mas, a exemplo de Fraga, disse que ainda é cedo para a substituição do índice cheio de inflação – usado no sistema atual de metas – pelo núcleo inflacionário (descarta variações bruscas

de preços, como combustíveis e alguns alimentos). Segundo Malan, o cálculo do núcleo pode proporcionar um melhor entendimento do processo inflacionário e pode vir a ser usado quando houver consenso do mercado.

Fraga e Malan estiveram, em horários diferentes, no seminário "Três Anos de Metas para a Inflação", no Rio. O presidente do BC afirmou não ver outro sistema de controle da inflação

para o país que não seja o de metas, adotado em 1999. Ele disse acreditar que o próximo governante do país continuará utilizando esse mecanismo. "A sociedade não vai aceitar outro sistema. Seria um passo atrás na transparência e credibilidade", avisou.

Já Malan voltou a defender a independência do BC e sugeriu a adoção de mandato para o presidente do banco, que não coincida com o do presidente da República, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos.



Armínio
quer evitar
tentações